

BERNARDO MELLO FRANCO

globo.com.br/bernardo
bernardofm
brasil@globo.com.br



Temer, Moreira e a propina do Galeão

Segundo a propaganda da ditadura, o Rio entrava na era do "aeroporto supersônico". O general Ernesto Geisel festejou a abertura do Galeão como

"uma atualização do Brasil com o mundo moderno". Construído pela Odebrecht, o terminal seria capaz de receber o Concorde, que voava a mais de 2.000 km/h. A obra não foi tão rápida assim. Terminou em 1977, quase três anos depois do previsto. O aeroporto não demorou a apresentar problemas. No primeiro mês, o alarme de incêndio enguiçou. Depois foi a vez de elevadores e escadas rolantes. Abandonado pela Infraero, o Galeão virou um símbolo da degradação da cidade. Em 2010, o governador Sérgio Cabral descreveu como "uma rodoviária de quinta categoria": "É uma vergonha para o povo do Rio", decretou. Com a proximidade da Olimpíada, o governo Dilma Rousseff decidiu privatizar o terminal. A Odebrecht voltou à cena e venceu o leilão. "A gente teve a estratégia do Anderson Silva, de liquidar no primeiro lance", gabou-se o executivo Paulo Cesena, em 2013. Quatro anos depois, ele contou outra história à Lava-Jato. Disse que a concorrência foi direcionada no gabinete de

Moreira Franco, então ministro da Aviação Civil. De acordo com a Procuradoria-Geral da República, o acerto rendeu R\$4 milhões em propina. Os investidores dizem que o dinheiro foi entregue a dois aliados indicados por Moreira: o também ministro Eli-seu Padilha e o então vice-presidente Michel Temer. Em outubro, o ministro Edson Fachin enviou o caso à Justiça Eleitoral. Ele aceitou uma alegação da defesa de Padilha: os repasses da Odebrecht teriam sido caixa dois de campanha, e não corrupção. Ontem a procuradora Raquel Dodge recorreu contra a decisão. Sustentou que Moreira exigiu os pagamentos para burlar a concorrência e favorecer a empreiteira. "Translúcida, portanto, a mercancia da função pública", escreveu. Se o recurso for aceito, as acusações contra Moreira e Padilha vão à mesa de um juiz de primeira instância. Temer se juntará à dupla em janeiro, ao deixar a Presidência. Sem a blindagem do foro privilegiado, o processo tende a correr em velocidade supersônica.

A Procuradoria acusa Moreira Franco de pedir R\$4 milhões de propina na concessão do Galeão. O dinheiro foi repartido entre Temer e Padilha, dizem os delatores da Odebrecht

Governo de Jair Bolsonaro terá 22 ministérios

Presidente eleito havia prometido reduzir 29 pastas existentes hoje para 15; futuro ministro da Casa Civil disse que Funai deve ser transferida da Justiça para a Agricultura. Equipe de transição avalia unir Ibama e ICMBio



DANIEL MORENO

Organograma. Onyx Lorenzoni anunciou ontem a estrutura do novo governo: "O presidente bateu o martelo"

DANIEL GULLINO, EDUARDO BRESCIANI, SILVIA AMORIM E JULIANA SOARES
organograma@globo.com
BRASIL E SP/OLM/NO

Futuro ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni anunciou ontem a estrutura do governo do presidente eleito, Jair Bolsonaro. Serão 22 ministérios, sete a mais do que o prometido: 16 pastas ficarão na Esplanada, quatro no Palácio do Planalto e outros dois serão transitórios: Advocacia Geral da União (AGU) e Banco Central (BC) devem perder o status nos próximos meses, após mudanças legislativas.

—Essa é, a princípio, a estrutura definitiva, que o presidente bateu o martelo — disse Onyx.

Atualmente, o governo Temer tem 29 ministérios. A ideia inicial da equipe de Bolsonaro era diminuir para 15. Questionado sobre essa diferença, Onyx afirmou que Bolsonaro preferiu manter pastas que tiveram a existência questionada, como Turismo, Meio Ambiente e Direitos Humanos — as duas últimas são as únicas ainda sem titulares definidos.

COMUNICAÇÃO DIVIDIDA

A expectativa é a de que os nomes ainda não anunciados sejam divulgados durante esta semana. A previsão da estrutura foi apresentada por Onyx em entrevista coletiva no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) de Brasília, onde a equipe de transição trabalha.

A parte de comunicação do governo será dividida. Vai ser criada uma assessoria especial de comunicação, vinculada à Presidência, com foco em Bolsonaro. Enquanto is-

so, a atual Secretaria de Comunicação (Secom), que ficará subordinada à Secretaria-Geral da Presidência, vai ficar responsável pela comunicação do governo. — Houve essa divisão, até pela característica que o presidente Bolsonaro tem, de uma utilização muito intensa de redes sociais, para que ele tenha uma estrutura própria, que lhe permita uma comunicação bem fluida com a sociedade brasileira — explicou Onyx.

Ele afirmou ainda que a Fundação Nacional do Índio (Funai) deve ser transferida da Justiça para a Agricultura. O futuro ministro da Casa Civil ressaltou que a medida ainda está em estudo. — Está em processo de definição, mas deve ir para a Agricultura — disse Onyx, que depois acrescentou: — Não está definido. Pode.

De acordo com o futuro ministro, o órgão precisa de "um novo direcionamento": — O Brasil há muitos anos cuida de seus índios através de ONGs, que nem sempre fazem um trabalho mais adequado. A população indígena tem reiterado que quer sua liberdade, sua independência, mantendo suas tradições, mas não necessariamente quer ficar na situação em que muitas comunidades indígenas estão no Brasil.

Ele afirmou ter ouvido de pesquisadores brasileiros relatos sobre dificuldade para acessar determinadas áreas indígenas. O futuro ministro disse que, enquanto isso, entidades internacionais terão acesso facilitado.

Na última sexta-feira, Bolsonaro comparou os indígenas que vivem em reservas animais em zoológicos. Ao falar sobre o Acordo de Paris

— tratado internacional que tem como objetivo reduzir a emissão de gases do efeito estufa —, o presidente eleito disse que não tem interesse em "maltratar" os índios. — Em todos os acordos no passado, sempre notei uma pressão externa no tocante a cada vez mais demarcar terra para índio, demarcar reservas ambientais. Na Bolívia tem um índio que é presidente. Por que no Brasil devemos mantê-los reclusos em reservas como se fossem animais em zoológicos? O índio é um ser humano igual a nós — afirmou.

POLÊMICA AMBIENTAL

O Ministério do Meio Ambiente também será alvo de reformulações que prometem colocar Bolsonaro em rota de colisão com ambientalistas. A mais polêmica delas, em estudo pela equipe de transição, é a unificação do Ibama e do ICMBio.

Os dois órgãos são autarquias federais e dividem o trabalho de fiscalização e preservação do meio ambiente. Mais antigo, o Ibama tem como principal atribuição o licenciamento de obras. O ICMBio gerencia as unidades de conservação federais.

Na avaliação do grupo de Bolsonaro, a pasta do Meio Ambiente precisa passar por enxugamento de despesas e cargos. A equipe de transição acredita haver sobreposição de tarefas entre Ibama e ICMBio.

As medidas de Bolsonaro não ficariam restritas à fusão dos órgãos. É cogitada também a transferência para outros ministérios de estruturas que estão hoje no Meio Ambiente, como, por exemplo, a Agência Nacional de Águas.

O MINISTÉRIO DE BOLSONARO

Já estão confirmados 20 nomes. Haverá mais dois: Meio Ambiente e Direitos Humanos

POLÍTICOS

| | | |
|--|--|---|
| | Casa Civil Onyx Lorenzoni | Deputado do DEM-RS ganhou a confiança do presidente eleito ao costurar o apoio de outros parlamentares durante a campanha |
| | Saúde Luiz Henrique Mandetta | Outro deputado do DEM, foi secretário de saúde no MS. Médico, foi indicado pela bancada ligada à área |
| | Agricultura Tereza Cristina | Terceira deputada do DEM no governo, é presidente da Frente Parlamentar Agropecuária |
| | Cidadania Osmar Terra | O deputado do MDB-RS, ex-ministro de Temer, foi indicado pela frente parlamentar da assistência social, das doenças raras, dos deficientes e dos idosos |
| | Turismo Marcelo Álvaro Antônio | Foi o deputado mais votado em Minas, e é do PSL, partido de Bolsonaro. Integra a frente religiosa |
| | Secretaria-geral da Presidência Gustavo Bebianno | Embora nunca tenha tido cargo eletivo, presidiu o PSL em 2018. Articulou a filiação de Bolsonaro ao partido e virou um de seus homens de confiança |

MILITARES

| | | |
|--|--|--|
| | Secretaria de Governo Carlos Alberto dos Santos Cruz | General da reserva, havia sido escolhido por Moro para a Secretaria de Segurança Pública |
| | Gabinete de Segurança Institucional Augusto Heleno | Outro general da reserva do Exército, é um dos conselheiros mais próximos a Bolsonaro, e esteve perto de ser o vice na chapa |
| | Defesa Fernando Azevedo e Silva | Ex-assessor de Dias Toffoli, o general foi indicado depois que Augusto Heleno optou pelo GSI |
| | Ministro de Minas e Energia Bento Costa Lima Leite | Almirante, é diretor de desenvolvimento nuclear e tecnológico da Marinha e conselheiro da Nuclebras, autarquia responsável pelo programa nuclear |
| | Infraestrutura Tarcísio Freitas | Engenheiro formado pelo IME, faz parte da equipe técnica do Programa de Parcerias de Investimentos |
| | Controladoria-Geral da União Wagner Rosário | Capitão da reserva do Exército e auditor de carreira, é ministro do governo Temer e seguirá no cargo |
| | Ciência e Tecnologia Marcos Pontes | Tenente-coronel da reserva da Aeronáutica, é o único astronauta brasileiro a ter ido para o espaço |

TÉCNICOS

| | | |
|--|--|---|
| | Justiça Sergio Moro | Ex-juiz da Lava-Jato, foi escolhido por Bolsonaro e convidado por Paulo Guedes |
| | Economia Paulo Guedes | O economista foi apresentado a Bolsonaro durante a pré-campanha |
| | Banco Central Roberto Campos Neto | É diretor do Santander e foi indicado por Paulo Guedes. A presidência do BC terá status de ministério até a autonomia do banco ser aprovada |
| | Educação Ricardo Vélez Rodríguez | Filósofo e professor emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército indicado por Olavo de Carvalho |
| | Relações Exteriores Ernesto Araújo | Diplomata de carreira, fez campanha para Bolsonaro e defende ideias semelhantes à do presidente e seus filhos para a política externa |
| | Desenvolvimento Regional Gustavo Henrique Rigodanzo Canuto | Nome escolhido pela equipe de transição. Ele é o atual secretário-executivo do ministério da Integração |
| | Advocacia-Geral da União André Luiz de Almeida Mendonça | Foi corregedor-geral da AGU |

Editoria de Arte